

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E A RELAÇÃO DE INERÊNCIA ENTRE PESQUISA E DOCÊNCIA

Marcos Roberto da SILVA¹

ABSTRACT: Paulo Freire would say, and we agree, research and teaching are impossible to be dissociable. This communication views to discuss the research's place in the foreign language courses as a methodological teaching major degree. In this contest we are dealing with the following questions: what means to be a researcher professor and what is the roll and the absence of the university in this case. It is important to think how we can foment the formation of research professors in the major degree's course specialized in education since it is focus in the major's course specialized in research. We consider that one of the keys to this question is to take Freire's curiosity as a fundamental start point. That is the reason we believe that a formation to research goes farther than the academic and professional surround, it is extend to a pearson's life, as a student and as a citizen. In this way it is possible to think in a higher education that is not based in dichotomy's form, even if we see the gesture, in Giorgio Agamben's sense. There is no cutting.

KEYWORDS: researcher professor, professor's formation

Segundo Paulo Freire, ensinar exige. Exige criticidade, bom senso, comprometimento, curiosidade, estética, ética... Enfim, ensinar exige. E todas as exigências que Freire apresenta são ações e condições para uma prática docente decente.

Ação pressupõe movimento. É necessário sempre o gesto inicial para que ele se configure. No entanto, a ação só cobra existência quando vem a ser uma prática. Por outro lado, a condição, sem ser necessariamente ação, mas potencia de ação, é requisito para que esta ocorra. É algo do qual não se pode fugir.

Freire (1996, p. 29) aponta uma condição intrínseca à profissão de professor:

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.

Em outras palavras, “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 1996, p. 29), logo todo professor é condicionalmente pesquisador.

É importante, neste momento, deixar claro a que tipo de pesquisa estamos nos referindo. Muitas das discussões sobre o professor pesquisador de ensino básico privilegiam a pesquisa de caráter institucional, que é realizada por meio de projetos e, em alguns casos, com fomento à produção. Isto é, que a pesquisa está prevista em sua carga horária, logo uma obrigatoriedade. A pesquisa da qual queremos falar é aquela que advém da curiosidade e da inquietação do docente que se depara com os desafios de sua prática e que precisa ser um pesquisador cotidiano para não se deixar levar pelo embuste pernicioso do “fazer mais fácil”.

Podemos começar por aqui e pensarmos o que leva um docente a ser adepto do “fazer mais fácil”. O professor que não se percebe pesquisador tem grande probabilidade de seguir por esse caminho. Ainda pensando com Freire, é importante que o docente se assuma docente

¹ Professor de Língua Espanhola na Universidade Federal da Fronteira Sul e doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina.

e que essa sua decisão exija um comprometimento político, social com seus alunos, com a sociedade e consigo mesmo. Professor que não toma para si a responsabilidade de formar para a autonomia e está aberto a concessões no seu labor de educador é aquele que optará pelo “fazer mais fácil”. Porque mais fácil é evitar todo conflito que reivindica mudança.

No entanto, a raiz de tudo isso está em sua formação acadêmica. A universidade e os cursos de licenciatura têm um papel fulcral nesse processo. Depende, em grande medida, de nós, formadores de formadores, fomentar a possibilidade de que os graduandos levem para seu exercício docente o mínimo de curiosidade, *incipit* para uma atitude permanente de pesquisador.

Mas como fazer isso se na universidade a pesquisa é apenas privilegiada nos cursos de bacharelado? Um dos problemas está na radical divisão que há entre esta modalidade e a de licenciatura. Alguns cursos apresentam um núcleo comum até determinada fase, depois o aluno escolhe entre uma das duas habilitações. Outros já desde o início oferecem disciplinas específicas. De qualquer maneira, as licenciaturas geralmente apresentam um *déficit* curricular no que concerne a pesquisa. Claro que mudanças já estão acontecendo. Uma delas é a inclusão da disciplina de metodologia de pesquisa ou metodologia científica em alguns cursos de licenciaturas de determinadas universidades. Menga Lüdke (2008, p. 43), em estudo realizado no final dos anos 1990 em escolas públicas do Rio de Janeiro, aponta que os professores de educação básica, segundo constatação dos próprios docentes, não se sentiam aptos para a pesquisa pois sua formação não os preparara, ademais indicaram a ausência de disciplina relacionada a metodologia de pesquisa.

É de extrema importância que o aluno de licenciatura tenha contato com a pesquisa acadêmica e mais relevante ainda é que ele entenda por que se faz pesquisa, o que a motiva e como ela gera conhecimento novo e, por fim, como seus resultados indicam a necessidade de ações para a mudança. Desse modo, o licenciando percebe como se dá o entrelaçamento entre teoria e prática e valoriza essa relação.

Se pensarmos no incentivo à pesquisa por meio de bolsas de iniciação científica, sabemos que apenas uma pequena parte dos alunos é contemplada. Por isso, é necessário que o professor do ensino superior busque proporcionar, em suas disciplinas, a atividade da pesquisa, ainda que ela não tenha, diretamente, vínculo com algum projeto institucional.

No entanto, para qualquer nível de pesquisa que se pretenda desenvolver com os graduandos, é imprescindível a curiosidade, essa da qual nos fala Freire. Sendo inicialmente ingênua, ela pode ser transformada em epistemológica. Cabe ao educador atentar para esses “focos” de curiosidade e dar alento para que ela se desenvolva, pois “como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me insere na busca, não *aprendo* nem *ensino*” (FREIRE, p.85, grifo do autor).

Como pretendemos aqui falar de um estágio de pesquisa que vem antes da pesquisa de rígido caráter científico, podemos dizer que estamos considerando os graduandos num estágio de “fazer pesquisa”. Esta definição, segundo Jacky Biellerot (*apud* LÜDKE, 2008, p. 35), indica uma responsabilidade com a atividade de pesquisa, que quando desenvolvida com autonomia e frequência, pode levar o indivíduo a se tornar pesquisador, de cunho acadêmico, principalmente. De qualquer modo, essa conceituação do “fazer pesquisa” não nos impede de considerar pesquisador o futuro professor.

Tratemos mais especificamente, do aluno de licenciatura de Letras em língua espanhola para pensarmos como em aulas de língua e literatura hispânicas a curiosidade, vir a ser pesquisa, pode ser fomentada.

Uma das primeiras coisas que se deve levar em conta é o entorno em que a universidade está inserida geográfica e politicamente: se em grandes centros ou próxima a eles; se em região pouco desenvolvida, desenvolvida ou em franco desenvolvimento. Qual a

área de abrangência da instituição? Quem são os alunos e de onde eles vêm? Isso é relevante porque o aluno precisa ter consciência do valor social que a universidade desempenha em sua região, bem como do papel do professor de educação básica nesse mesmo contexto.

Esse olhar para o externo da universidade pode proporcionar excelente motivo para a realização de uma investigação - ou simplesmente enquete - a respeito do conhecimento da comunidade regional acerca da língua meta. Igualmente, é possível fazer o levantamento de como as escolas públicas lidam com o ensino de língua estrangeira: se ofertam e de que maneira ensinam. O estudante, certamente, se sentirá instigado por se tratar de seu futuro campo de atuação.

Nesse mesmo sentido, o olhar para fora ainda pode, no caso de regiões turísticas que recebem visitantes hispanófonos, levantar de que países são eles oriundos, se falam português, que hábitos de sua cultura preservam, ou fazem questão de preservar, no período de sua estada. Outro desdobramento possível é verificar o nível de formação em castelhano dos profissionais que tratam diretamente com os turistas.

Já em regiões de fronteira, ou próximas a ela, é essencial pensar na influência que ambas as línguas exercem uma sobre a outra, principalmente nas cidades que se lindam. Isso se pode perceber, por exemplo, nas fachadas dos comércios, nos nomes de lojas. É muito comum, tanto do lado castelhano como do brasileiro, que se desconheça a história da constituição dessas cidades com suas implicações políticas e culturais. Incentivar o estudante a pesquisar essas relações é aproximá-lo de sua própria história.

Outro fator de grande importância para a investigação são os estereótipos que se criam acerca de nossos países vizinhos. Como exemplo, há a rivalidade entre Brasil e Argentina no futebol que gera, de ambas as partes, falsos juízos generalizado sobre os dois povos. Quanto ao Paraguai, não é raro ouvir afirmações pejorativas que o país é o paraíso das falsificações. É preciso conhecer para fugir do clichê do preconceito, para respeitar o outro. Como diz Freire: “Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquisa para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. (p.29)

Igualmente pode haver novidade no estudo também sistemático da língua. Na fase inicial de aquisição do castelhano por estudantes brasileiros, o emprego do pronome neutro “lo” como artigo é recorrente. Ainda que se explique a regra, se faça tarefas de caráter comunicativo, a produção oral e escrita do aluno ocasionalmente apresentará o equívoco. O mesmo se aplica na formação do subjuntivo e do futuro, por exemplo. Para que isso sirva como ponto de partida para uma pesquisa, o estudante pode observar sua própria produção e a de seus colegas a fim de detectar quando comete o equívoco, em que tipo de estrutura, em que situação e contexto. Reunidos esses dados, ele os analisa, faz comparações e busca compreender o fenômeno.

Esses são apenas alguns exemplos de como a pesquisa pode e deve fazer parte do cotidiano do ensino e da aprendizagem do espanhol como língua estrangeira. O determinante nesse processo é que os formadores de formadores tenham o comprometimento com a pesquisa não apenas no âmbito dos laboratórios e de suas bibliotecas privadas, senão na sala de aula, no contato direto com o aluno, incentivando-o a pesquisa com seriedade desde o objeto que a primeira vista possa parecer banal até o que já de início se apresenta complexo. Por isso, compartilhar com os alunos o que pesquisamos é uma forma de mostrar-lhe, pela corporeificação do exemplo, que somos professores, somos pesquisadores. Esse é o gesto, simples, porém significativo, que se espera de quem educa e que alcance eco, sem ser repetição, no outro. Esse gesto fará inevitavelmente do professor pesquisador um professor autor e não “assinador”, aquele que somente empresta o nome. Apresenta-se aí então uma forte relação de inerência: professorpesquisadorautor.



O que não pode, sem embargo, ser esquecido é que tudo isso é um processo. É inerente, porém não está dado, visto que somos seres condicionados. Assim, se é inerente à minha condição de docente ser pesquisador, é preciso que não haja dúvida que “estar sendo é a condição, entre nós, para ser” (FREIRE, 1996, p. 33).

Referências

- FREIRE, Paulo (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. 33 ed. São Paulo: Paz e Terra.
- LÜDKE, Menga (2008). A complexa relação entre o professor e a pesquisa. In: ANDRÉ, Marli. *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. 8 ed. Campinas: Papirus.